

BLOQUE 3.
LA ATENUACIÓN EN LOS PROCESOS DE
ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E ATENUAÇÃO NA ANÁLISE DE MATERIAIS DE PLE

LA RELACIÓN ENTRE IMAGEN Y ATENUACIÓN EN EL ANÁLISIS DE MATERIALES DE PLE

THE RELATIONSHIP BETWEEN FACE AND MITIGATION IN THE ANALYSIS OF PLE DIDACTIC MATERIALS

YEDDA ALVES DE OLIVEIRA CAGGIANO BLANCO
USP (Universidade de São Paulo)
yeddablanca@hotmail.com

Recibido: 20/12/2016

Aceptado: 19/04/2017

Resumo

O ensino do português como segunda língua pressupõe vários aspectos, dentre eles, as relações pragmáticas do discurso, que são reproduzidas nos textos dos livros didáticos de PLE (Português língua estrangeira), muitas vezes com explicações deficientes ou ausentes. Portanto, o artigo procura mostrar e analisar estas nuances, presentes nesses materiais, à luz dos estudos de atenuação pragmática. A análise dos materiais didáticos será baseada na Ficha de dados desenvolvida pelo projeto ES.POR.ATE-NUAÇÃO, que estabelece os parâmetros metodológicos comuns para o estudo da atenuação pragmática nas diferentes normas regionais de português e espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: pragmática, cortesia, atenuação, materiais didáticos, ES.POR.ATE-NUAÇÃO, imagem.

Resumen

La enseñanza de portugués como segunda lengua presupone varios aspectos, entre ellos, las relaciones pragmáticas del discurso, las que se reproducen en los textos de los libros didácticos de PLE, muchas veces con explicaciones deficientes o ausentes. Por ello en este artículo se busca mostrar y analizar estos matices, presentes en estos materiales, a la luz de los estudios de la atenuación pragmática. Los análisis de los materiales didácticos se realizarán con base en la Ficha elaborada por el proyecto ES.POR.ATENUACIÓN, el cual establece las bases metodológicas comunes para el estudio de la atenuación pragmática en las diferentes normas regionales del portugués y español.

PALAVRAS CLAVE: pragmática, cortesia, atenuación, materiales didácticos, ES.POR.ATENUACIÓN, imagen.

Para citar este artículo / To cite this article: Alves de Oliveira Caggiano Blanco, Yedda (2018): A relação entre imagem e atenuação na análise de materiais de PLE. Garcia Ramón, Amparo y Soler Bonafont, María Amparo (Eds.): *ELUA: Estudios de atenuación en el discurso*, Anexo IV, págs. 215-229.

Enlace / Link: <http://dx.doi.org/10.14198/ELUA2018.Anexo4.12>

Abstract

The teaching of Portuguese as a second language presupposes several aspects, among them, the pragmatic relations of discourse, which are reproduced in the texts of the didactic books of PSL, often with deficient or absent explanations. Therefore, this article seeks to show and analyze these nuances, present in these materials, in the light of studies of pragmatic mitigation. The analysis of the didactic materials will be based on the Data Sheet developed by the ES.POR. ATENUACIÓN project, which establishes the common methodological bases for the study of pragmatic mitigation in the different regional norms of Portuguese and Spanish.

KEY WORDS: pragmatic, politeness, mitigation, didactic materials, ES.POR. ATENUACIÓN, face.

1. INTRODUÇÃO

Para a elaboração de material didático de PLE vários aspectos são tidos em conta. Aqui teremos o interesse de observar como a atenuação pragmática pode ser mais um elemento cuja relevância nos obriga a explicitá-la no processo de ensino e de como pode ser usada para uma compreensão integral no uso da língua estrangeira.

A atenuação pragmática, segundo Briz (2006), é uma manifestação linguística semântico-pragmática da cortesia que deve ser entendida como um mecanismo mais complexo, e até contraditório, pois há atividades estratégicas de distanciamento linguístico e aproximação social. Estrategicamente o falante se distancia da mensagem, suavizando-a com a finalidade de se aproximar, ou não se distanciar em demasia do outro, a fim de evitar possíveis tensões, mal-entendidos, ameaças a própria imagem e, sobretudo, a imagem alheia.

Também Fraser (2010: 15) ao enfatizar que a competência pragmática “is the ability to communicate your intended message with all its nuances in any socio-cultural context and to interpret the message of your interlocutor as it was intended”, reforça a ideia da necessidade que se deve dar a este estudo e, conseqüentemente, os materiais. Ainda, na sequência, Fraser destaca as falhas que o aprendente pode produzir no seu discurso por falta deste conhecimento:

as critical as this ability is for communication success, it is often not given the emphasis it deserves in the teaching of a second language, with the result that second-language speakers, who lack pragmatic competence, may produce grammatically flawless speech that nonetheless fails to achieve its communicative aims.

Ao levarmos estes problemas teóricos ao campo da produção de materiais didáticos perceberemos que neles há uma ausência de explicitações destes aspectos, embora eles estejam sempre presentes. Os autores, de fato, reproduzem textos que se aproximam à fala real (autêntica), entretanto não se percebe a abordagem dos elementos pragmáticos nos diálogos por eles apresentados. Desta forma, tais textos e diálogos são desprovidos da sua real dimensão comunicativa.

Como consequência do problema apresentado, entendemos a importância de atender os aspectos dos estudos da cortesia verbal, em especial a atenuação pragmática, uma vez que o seu conhecimento nos auxilia, a nós, professores de português LE, em saber como a atenuação na produção do discurso pode, por exemplo, influenciar na compreensão do mesmo. Por sua vez, tal entendimento, nos proporciona as ferramentas, ou a possibilidade de criá-las, necessárias para conseguir que o aprendente da língua seja capaz de perceber e reproduzir tais construções. Por outro lado, o estudo ou a apresentação da atenuação pragmática nos materiais se faz necessário na elucidação de aspectos sociocognitivos, evitando deste modo possíveis problemas de compreensão pela simples aplicação automática das características pragmáticas da L1 na L2, pois muitas vezes, o aprendente imagina que as normas pragmáticas são iguais a todos.

Antes, porém, de adentrarmos em tal situação, temos que destacar dois aspectos em relação ao ensino aprendizagem da Língua Portuguesa como língua materna, que possam interferir na produção do material didático de PLE.

Primeiramente, a excessiva importância que se dá nas escolas ao ensino da língua escrita, sob a ótica normativa, acarreta o detrimento da oralidade e impõe uma formalização do discurso que, na maioria das vezes, não consegue transformar o falante em um aprendiz eficaz do próprio idioma. Marcuschi (1977) *apud* Silva (2015) ressalta que a oralidade é um importante tópico a ser desenvolvido na sala de aula, mas, infelizmente, tem sido deixado de lado, pois professores e responsáveis pelo ensino não consideram a importância desta no ensino de língua materna. A razão principal é o viés que é dado ao ensino de língua nas escolas brasileiras: a escola existe para ensinar a escrever e escrever bem (Silva 2015).

O segundo aspecto a ser considerado é exatamente a consequência deste dado inicial. Decorridos vários anos da constatação de Marcuschi, autores de livros didáticos, professores, pesquisadores e responsáveis pelo ensino de língua portuguesa tentam ter outra postura teórica, mas, na prática, a escrita continua a ser o foco do ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Tudo indica que boa parte dos professores conhece a teoria, mas eles têm dificuldades na prática deste fazer pedagógico no cotidiano escolar. E, ainda parafraseando o professor Luiz Silva (2015), apesar dos avanços dos estudos linguísticos sobre fala e escrita; apesar das contribuições da Sociolinguística e da Análise da Conversação; apesar dos preconceitos vencidos, especialmente sobre a distinção rigorosa entre as duas modalidades, há, ainda, um percurso a vencer.

Os aspectos apontados mostram a ênfase dada ao caráter escrito, e permeiam nossa formação e, em consequência, muitas vezes a visão da língua que os elaboradores de material, tanto de português como língua 1 quanto de PLE, podemos ter.

Feitas estas considerações, nos perguntamos de que forma os fenômenos pragmáticos, em especial os de atenuação, são tratados nestes materiais didáticos e como que eles conseguem se desvincular do caráter estritamente escrito, e normativo, dado a elaboração destes materiais.

Uma análise preliminar dos materiais didáticos de PLE mostra que eles buscam manter, frente às mudanças naturais que se operam no uso da língua, uma estabilidade do discurso, a fim de apresentarem o uso de uma norma mais culta e representativa nos tópicos desenvolvidos. Neste aspecto são negligenciadas as variantes linguísticas regionais, as marcas de informalidade e, mesmo que estes livros possam fazer referências a elas, percebe-se que aparecem descontextualizadas em notas de rodapé ou em notações marginais em contraste com o *corpus* principal de cada unidade do livro, compondo marcas folclóricas e não elementos constitutivos da língua. Nota-se, assim, o privilégio de um padrão

que não corresponde a nossa prática de uso linguístico, na maioria das vezes e, quando aparecem nos diálogos mais autênticos não há explicações para este tipo de ocorrência.

Neste ponto é conveniente ressaltar que os estudos sobre os aspectos socioculturais devem ser levados em conta, pois como aponta Bravo (2004: 8):

Lo sociocultural se enfoca en las relaciones del lenguaje con la sociedad. Se considera que el/la hablante de una lengua está provisto/a de recursos interpretativos que provienen de su entorno social y de sus experiencias comunicativas previas, los cuales parcialmente comparte con otras personas (grupo) y parcialmente no comparte con esas mismas personas (individuo). Estos recursos se ponen en operación en la interacción y se proyectan en los significados emergentes de la misma, creando nuevas alternativas; así la cortesía, considerada un fenómeno sociocultural, se confirma, se actualiza, se modifica o se revierte en la situación de interlocución real.

Com relação aos estudos sociolinguísticos, destaca-se a importância dada à questão do contexto interacional por diversos teóricos. Sobre estas abordagens, gostaríamos de mencionar a obra de Van Dijk *Discurso e Contexto* (2010), na qual descreve a relevância dos aspectos que são subjetivos ao discurso, isto é, a subjetividade dos participantes (falante/ouvinte).

Para ele, o contexto é um construto dos participantes dentro de um modelo mental e não só situacional cuja compreensão do discurso “envolve a construção controlada pelo contexto, de modelos mentais baseados em inferências fundamentadas no conhecimento” (Van Dijk 2010: 92). Afirma também que há a influência dos condicionamentos objetivos sobre a estrutura do objeto, das pessoas, das situações, formando assim “uma coleção de modelos mentais”. Os modelos mentais são relevantes para a coerência do discurso, são únicos e exprimem opiniões, emoções – ativam a memória individual e social, além de serem agentes formadores da identidade na construção do *eu-mesmo* e do *ele-mesmo*.

Desta forma, os modelos mentais evitam o determinismo na análise dos contextos e possibilita explicar as diferenças entre os falantes. E, ao fazer estas ponderações percebe-se que a interação e compreensão do contexto pelos participantes é um fator essencial no processo interativo, isto é, o contexto é um conhecimento ou um saber que se compartilha e, neste sentido, o autor reforça a importância do estudo da língua por ciências como a Etnografia, a Sociolinguística, a Pragmática.

Em relação à Pragmática, Van Dijk (2012: 278) ao colocar a questão se “os atos de fala podem variar de modo que, por exemplo, diferentes tipos de falantes usem tipos diferentes de atos de fala”, mostra a importância do contexto da interação, além de enfatizar que “os atos de fala também pressupõem o conhecimento dos falantes sobre o conhecimento assumido do receptor [...] e, que as condições apropriadas dos atos de fala precisam ser formuladas em termos de várias propriedades contextuais” (2012: 281).

A colocação dessa questão se faz pertinente quando pensamos também na elaboração de material didático uma vez que na pragmática encontramos a base teórica para entendermos os fenômenos que elucidam a complexidade da língua. Percebemos o quanto é fundamental que os diversos textos, no caso, os atos de fala contidos nos diálogos, representam modelos mentais de contexto, que são projetados pelos autores na produção dos livros e que tem como objetivo a projeção deste contexto interacional realizada entre os participantes virtuais e que deve ser compreendida pelos aprendentes da língua. Em suma, ao pensar o contexto não só de forma estrutural, mas de formas sociolinguística e sociocognitivas, a proposta de Van Dijk cons-

titui uma significativa colaboração para a explicação dos fenômenos pragmáticos nos quais os contextos produzidos nos materiais devem ressaltar e esclarecer a interação “autêntica”.

Em decorrência de tais aspectos teóricos, percebemos que a aprendizagem integral de um segundo idioma é uma tarefa árdua, no sentido que o aprendente tem que compreender não somente a relação estrutural da língua, mas também as nuances socioculturais que permeiam o significado do seu uso como um todo pois, conforme afirma Bravo (2004), são *este tipo de considerações* as que permitirão ao aprendente perceber e interpretar os determinados comportamentos em cada situação comunicativa específica.

Em suma, constatamos que o ensino de português como segunda língua pressupõe, além dos conhecimentos estruturais e funcionais, outros elementos, no caso, as relações pragmáticas do discurso. Textos e diálogos apresentados nos livros didáticos de PLE evidenciam certos aspectos da realidade linguística do nosso falar e das escolhas que revelam matizes inter-relacionais próprios dos nossos atos de fala que deveriam ser mais detalhados e explicitados na obra.

Isto posto, partiremos da hipótese que o material didático de PLE não contempla estas relações de interação entre enunciador e enunciatário, e buscaremos mostrar estas nuances sob a luz dos estudos da cortesia verbal, presentes nos discursos desses materiais, salientando os elementos de atenuação pragmática presentes nas interações.

A cortesia, “princípio de regulação social das interações” (Silva 2011: 280), se desenvolve como um jogo de aproximação social, no qual há uma negociação entre os agentes envolvidos no ato da comunicação na busca de um acordo. Esta cortesia pode ser ritualizada, quando é só decorrência de costumes socialmente aceitos, por exemplo, as saudações, a abertura de certos atos comunicativos; mas pode também ser estratégica, quando a motivação envolve a gestão das imagens (Briz 2003).

A cortesia estratégica, por sua vez, pode ser: a) atenuadora que, segundo Brown e Levinson (1978 [1987]), se realiza para mitigar a força dos atos que ameaçam a imagem, os *Face Threatening Acts* (FTA); ou b) intensificadora que, segundo Kerbrat-Orecchioni, se expressa por meio de atos que realçam a imagem, os que a autora denomina *Face Flattering Acts* (FFA).

Ao respeito, Kerbrat-Orecchioni (2014: 50) afirma que:

todo enunciado pode assim ser descrito como um FTA ou FFA, ou um complexo desses dois componentes [...]. O desenvolvimento de uma interação aparece então como uma incessante e sutil jogo de pêndulo entre FTA e FFA, a polidez sendo redefinida como *um conjunto de estratégias de gerenciamento, mas também de valorização das faces do outro* [...] a fim de preservar a “ordem da interação”.

Briz *et alii*, (2014: 93) apontam que “La cortesía y la atenuación son a menudo pareja, pero de conveniencia; en la interacción la no presencia o menor presencia de esta estrategia lingüística de atenuación no implica necesariamente menor cortesía o descortesía”. Assim, a atenuação não pode ser confundida com cortesia, pois enquanto a cortesia se relaciona ao trato social estabelecido entre as pessoas (seja para aproximação ou distanciamento), a atenuação refere-se, segundo Haverkate (1994), a uma subestratégia na qual o falante minimiza a força ilocutória do enunciado.

A este trabalho de imagem (cortesía), temos em oposição, a descortesía que é um ataque ou desconstrução da imagem, segundo os preceitos de Culpeper. Estes, por excederem o pro-

pósito deste artigo, não serão tratados aqui. Entretanto, consideramos importante enfatizar que nem todo ataque à imagem supõe um ato descortês. Em efeito, antes devemos observar que os ataques à imagem (entre eles os insultos) são muitas vezes usados, principalmente pelos mais jovens, como um recurso de aproximação social na interação, de negociação social. Como diz Zimmermann (2005: 249) *apud* Blanco (2015: 42) é importante sublinhar *la importancia teórica de este tipo de actos: nos demuestran que la cortesía no es una constante social sino siempre una opción teórica entre varias posibilidades*. Em outras palavras, o insulto pode estar ligado a uma atividade de aproximação, de camaradagem, entre os participantes do ato de fala, que faz com que eles pertençam ao mesmo grupo, criando, desta forma, uma identidade.

Apresentadas estas noções gerais sobre a questão da cortesia, e destacada a importância de estudos analíticos que tratam sobre esta temática, de forma que possamos esclarecer os mecanismos de tal fenômeno, nos adentraremos nas questões metodológicas para a análise.

2. METODOLOGIA E *CORPUS* PARA ANÁLISE

Assim, primeiramente, com o auxílio da ficha de análise metodológica da atenuação pragmática, elaborada pelo projeto ES.POR.ATENUACIÓN, na qual se elencam, entre outros, os procedimentos linguísticos de mitigação que se empregam na proteção das imagens, tanto do falante como do ouvinte, buscaremos compreender as nuances nos diálogos estabelecidos e apontar como estes aspectos podem revelar novos caminhos para o entendimento da elaboração do material didático de PLE.

De acordo com Albelda e Briz (2014: 290), a Ficha é:

un instrumento de guía para el análisis de la actividad atenuadora, que proporcione, además, homogeneidad a los análisis de los investigadores que participen en el proyecto, tanto cuando se trate de analizar y explicar la atenuación en una norma regional del español o del portugués como cuando se realicen los contrastes entre zonas o comunidades lingüísticas dentro de la misma lengua o entre las dos lenguas. El proyecto tiene, así pues, como ya se ha señalado, un objetivo final contrastivo intralingüístico e interlingüístico. [...]

E, elucidada que a Ficha:

ha sido elaborada en el seno del grupo de investigación Val.Es.Co. de la Universidad de Valencia, a partir de la ficha sociolingüística ya propuesta antes por Albelda y Cestero (2011) y Cestero y Albelda (2012) en el marco del proyecto PRESEEA, la cual ya han empezado o van a empezar muy pronto a experimentar algunos investigadores adscritos a este proyecto. La ficha es el resultado, además, de una larga trayectoria de investigación sobre la atenuación en pragmática y en el español coloquial (Briz 1995, 2002, 2003, 2005, 2007a, 2012).

As análises terão como base a ficha elaborada pelo projeto ES.POR.ATENUACIÓN e neste estudo pretendemos destacar que a atenuação, ao aproximar ou não afastar os envolvidos no ato em si, marca uma característica própria de um recurso argumentativo cujo objetivo é de proteger, reparar e preservar a imagem. E, também, destacar que pelo fato de a atenuação ser entendida como atividade social, o uso de enunciados característicos do nosso falar pode provocar a não compreensão dele por parte do aprendente de português como segunda língua.

A ficha elaborada pelo projeto ES.POR.ATENUACIÓN propõe a observação dos seguintes tópicos: função da atenuação, procedimento linguístico; fatores estruturais, enunciativos e situacionais.

Antes, porém da análise efetiva dos tópicos, Albelda e Briz (2014: 305-306) salientam que devemos considerar os seguintes parâmetros para a análise:

- 1) Descripción de la situación general de la interacción.
- 2) Descripción del contexto interaccional concreto en que se desarrolla la actividad atenuadora que acabamos de identificar: desencadenante (explícito o implícito), segmento atenuado y atenuante e, incluso, en su caso, el efecto que provoca en el otro. Lo que significa tener en cuenta los actos o las intervenciones anteriores o posteriores del propio hablante o del otro, así como la intervención o intervenciones afectadas.
- 3) Explicación del papel o función que realiza el atenuante solo o en relación con otros atenuantes que afecten al mismo miembro atenuado. Es decir, explicar para qué se atenúa y precisar en qué consiste la “autoprotección”, la “prevención” y la “curación o reparación”, sin perder de vista los rasgos situacionales, pues pueden ayudar a entender por qué ocurre dicha actividad.
- 4) Explicación de la forma atenuante.
- 5) Añadir cualquier otro aspecto que se considere relevante para el análisis.

Colocada a relevância destes elementos, metodologicamente, a tarefa do analista partirá, seguindo os critérios da Ficha, da descrição e identificação do contexto, de modo que a análise dos enunciados deve ser feita sempre especificando em primeiro lugar, o contexto geral e, depois o contexto específico da interação. A este respeito, Albelda e Briz assinalam que

Al hablar de contexto interaccional concreto nos referimos al momento o a los momentos puntuales de habla en una interacción que afectan, favorecen o llegan a determinar los usos y estrategias lingüísticos. Este concepto puede permitirnos explicar que una situación general de inmediatez comunicativa pueda en un momento dado pasar a ser menos inmediata o que, al contrario, una situación de no inmediatez tenga momentos de mayor inmediatez. La noción de contexto interaccional concreto dinamiza, así pues, el concepto más general de situación de comunicación (comp. § 5.2.4.) y explica la actividad lingüística en una contextualización seriada, contexto preciso a contexto preciso. (2013: 300)

Para demonstrarmos a pertinência e eficácia do uso metodológico da Ficha, analisaremos um diálogo do livro *Bem-Vindo: a língua portuguesa no mundo da comunicação*, um dos materiais mais utilizados no ensino de português como segunda língua no Brasil. Na descrição do livro, as autoras informam que “você vai se deparar, no decorrer das vinte unidades, com expressões coloquiais mais usadas, dialetos regionais e muito vocabulário útil a situações diversas” (Ponce *et alii* 2007). Este material divide as 20 unidades em 5 grupos temáticos: “Eu e você”, “O Brasil e sua língua”, “A sociedade e sua organização”, “O trabalho e suas características” e “Diversão-cultura”.

O diálogo escolhido *Ao telefone*, representa a unidade 10, do grupo 3: “A sociedade e sua organização”, com a subtemática: “O bairro”. Lembramos que o trecho transcrito não é uma situação de fala face a face, mas sim uma representação de falantes qualificados que fariam ser real tal situação e por isso, são consideradas autênticas.

Para melhor compreensão, vamos dividir o diálogo em duas partes: na parte 1 temos a fala da mãe com a amiga da filha; e, na parte 2, as duas amigas combinando o encontro.

	Ao telefone
P	(1) A: Alô, Marisa está?
A	B: Quem gostaria?
R	A: Aqui é Andréa, colega dela da escola.
T	B: um momento, por favor. Vou chamá-la.
E	C: Alô, quem fala?
1	A: Ô Marisa, é Andréa! C: Ô Andréa, tudo bem?
	A: Tudo. Você está ocupada nesta sexta à noite? C: Nesta sexta? Acho que não. Por quê?
P	A: Ganhei duas entradas para o teatro. Não quer ir comigo?
A	C: Claro que sim! Você sabe que eu adoro teatro! Que peça é?
R	A: Master Class, com Marília Pera.
T	C: Nossa! Que legal!
E	A: Está no Cultura Artística.
2	C: Que ótimo! Fica bem pertinho da minha casa! Você não quer dar uma passadinha aqui antes de irmos? Você nunca veio me visitar! A: Também, você nunca me convidou antes! (<i>Bem-vindo</i> , p. 91)

Aparentemente o diálogo em si é direto e objetivo, mas na prática, veremos que o *aprendente* estrangeiro terá dificuldades para entender as questões voltadas aos aspectos pragmáticos dos enunciados, em especial àqueles referidos à atenuação.

No contexto geral, destacamos o cenário da interação, a relação entre os interactantes, etc. e, depois no contexto interacional específico, isto é, a interação feita momento a momento no ato comunicativo na qual analisamos a sequência dialógica e identificamos os elementos desencadeantes da atenuação.

No diálogo em questão, percebemos que no contexto geral, ao telefone, há dois momentos a ser considerados: a parte 1, quando a falante se dirige a mãe da amiga e a parte 2, quando as amigas conversam entre si.

Esquemáticamente, seguindo a Ficha, podemos verificar como os elementos para a análise contextual se apresentam na parte 1:

Parte 1	Fatores Situacionais
A: Alô, Marisa está? B: Quem gostaria? A: Aqui é Andréa, colega dela da escola. B: um momento, por favor. Vou chamá-la. C: Alô, quem fala? A: Ô Marisa, é Andréa! C: Ô Andréa, tudo bem?	Temática: 2. Fórmulas rituais; Fim da interação: 0. interpessoal; Espaço físico: 1. QS (cotidiano para ambos os interlocutores); Relação vivencial entre os interlocutores: 5. conhecidos; Relação social e funcional: de hierarquia (F+O); Relação de sexo entre os interlocutores: 0. M-M; Tipo de atividade comunicativa: 20. Conversação; Registro: 2. + neutro.

Nesta situação observa-se que a finalidade da interação é interpessoal, um tanto que ritual, sem maiores riscos à imagem, portanto os participantes procuram manter um distanciamento marcado pelas convenções sociais de respeito/cordialidade que é refletida na relação social e funcional entre as partes. Embora os interlocutores sejam do mesmo sexo, e o falante se encontre numa situação de superioridade com relação ao ouvinte, mas isto não parece ser determinante dada a familiaridade da temática apontada, o que explica, de algum modo, o registro neutro na interação.

E, na parte 2 :

Parte 2	Fatores Situacionais
<p>A: Tudo. Você está ocupada nesta sexta à noite? C: Nesta sexta? Acho que não. Por quê? A: Ganhei duas entradas para o teatro. Não quer ir comigo? C: Claro que sim! Você sabe que eu adoro teatro! Que peça é? A: <i>Master Class</i>, com Marília Pera. C: Nossa! Que legal! A: Está no Cultura Artística. C: Que ótimo! Fica bem pertinho da minha casa! Você não quer dar uma passadinha aqui antes de irmos? Você nunca veio me visitar! A: Também, você nunca me convidou antes!</p>	<p>Temática: 0. cotidiano; Fim da interação: 0. interpessoal; Espaço físico: 1.QS (cotidiano para ambos os interlocutores); Relação vivencial entre os interlocutores: amigas; Relação social e funcional: de igualdade (H=O); Relação de sexo entre os interlocutores: 0. M-M; Tipo de atividade comunicativa: 20. Conversação; Registro: + informal.</p>

Já na parte 2, podemos observar que há uma maior proximidade nas relações vivencial e social entre as interactantes – jovens amigas, o que se reflete no discurso no emprego de um registro mais informal. A temática cotidiana, o fim interpessoal da interação e a igualdade na relação social e funcional contribuem marcadamente, com a coloquialidade na forma de tratamento entre elas.

A explicitação destes aspectos de interação nos faz entender como as relações contextuais de proximidade dos participantes se refletem linguisticamente no discurso. Esta relação fica mais nítida quando analisamos o contexto específico na interação, momento a momento.

A seguir faremos o levantamento esquemático dos dados com o emprego da ficha metodológica ES.POR. ATENUACIÓN, que segundo Albelda *et alii* (2014) nos permitirá pontuar: a) o procedimento linguístico, que pode consistir, entre outros, no uso de elementos morfológicos, lexicais ou sintáticos; b) a função da atenuação, preservar, reparar ou zelar pela própria imagem; c) os fatores estruturais; e d) os fatores enunciativos relacionados aos componentes da enunciação de acordo com a força ilocucionária do ato de fala.

Assim, na parte 1 temos:

Enunciados	Procedimento Linguístico	Função da Atenuação	Fatores Estruturais	Fatores Enunciativos
A: Alô, Marisa está? B: Quem <i>gostaria</i> ?	2.5.1: Usos de modalizadores dos tempos verbais: Futuro do pretérito.	0. Velar por si mesmo evitando ou reduzindo o compromisso do falante com o dito; autoprotéger-se. Explicação: o emprego do futuro do pretérito apresenta uma finalidade atenuadora pois desvia o centro temporal dêitico <i>agora</i> .	4.0-Posição discursiva: segmento integrado dentro do <i>dictum</i> : 5.4-Tipologia Textual: Intervenções ou intervenções rituais.	7. 0 - Força ilocutiva do ato de fala: diretivo/em benefício do falante.
B: Um momento, <i>por favor</i> . Vou chamá-la.	2.9.3: Petições e perguntas expressas direta ou indiretamente com <i>por favor</i> .	2. Prevenir uma possível ameaça à imagem do outro (salvaguarda do eu-tu). Explicação: Atenua o pedido de esperar (o verbo performativo <i>espere</i> é elidido) com a finalidade de não invadir o território do ouvinte e, por sua vez, não se apresentar como alguém autoritário.	4. Posição discursiva: 1: intermediária. 5. Tipologia Textual: 4. Intervenções ou intervenções rituais.	7. Força ilocutiva: 1. diretivo/em benefício do ouvinte.

E, na parte 2:

Enunciados	Procedimento Linguístico	Função da Atenuação	Fatores Estruturais	Fatores Enunciativos
A: Tudo. Você está ocupada nesta sexta à noite? C: Nesta sexta? <i>Acho</i> que não. Por quê?	2.6: Emprego de verbos, construções verbais que expressam opiniões em forma de dúvida ou de probabilidade.	1. Zelar por si próprio. Explicação: Elemento desencadeante: a suposta insegurança do falante em emitir uma afirmação sobre o convite. Se se quita o elemento atenuante, a força ilocutiva é maior. <i>Acho</i> é uma forma de dúvida que o falante emprega para reduzir seu compromisso com o fato apresentado.	3. posição anterior	7. força ilocutiva 3. assertivo de informação
A: Ganhei duas entradas para o teatro. <i>Não quer ir comigo</i> ?	2.9.2 – petições, mandatos e ordens de forma indireta: formulação negativa	2. Prevenir uma possível ameaça à imagem do outro (salvaguarda do eu-tu). Explicação: prevenir conflitos por usurpação de territórios ou uma possível rejeição.	4. Posição discursiva: 6.ato ou intervenção completa	7. força ilocutiva: 1. Diretivo em benefício do ouvinte.

C: Que ótimo! Fica bem pertinho da minha casa!	2.1.1 – modificadores morfológicos internos: sufixos.	2. Prevenir uma possível ameaça à imagem do outro por preservação do território. Explicação: minimiza a distância e, portanto, o esforço do que é pedido pelo falante, evitando a rejeição.	4. Posição 0 segmento integrado dentro do <i>dictum</i> :	7. Força ilocutiva 3. Assertivo de informação
Você não quer dar uma passadinha aqui antes de irmos?	2.9.2 – petições, mandatos e ordens de forma indireta: formulação negativa.	2. Prevenir uma possível ameaça à imagem do outro (salvaguarda do eu-tu). Explicação: prevenir conflitos por usurpação de territórios ou uma possível rejeição.	4. Posição discursiva: 6.ato ou intervenção completa	7. força ilocutiva: 1. Diretivo em benefício do ouvinte.

Após este levantamento, nos deteremos na análise dos procedimentos que são propostos na Ficha e que nos permitem fazer tanto um levantamento dos elementos linguísticos e socioculturais da interação.

O primeiro aspecto a ser levado em conta é destacar os elementos atenuadores e os desencadeadores da atenuação, uma vez que “En ES.POR.ATENUACIÓN, la unidad de análisis será el miembro de discurso atenuado, que puede ser un acto, una parte dentro del mismo o, incluso, una unidad más compleja.” (Briz 2014: 305).

Desta forma, no trecho:

- A: Alô, Marisa está?
B: Quem *gostaria*?

Percebemos que B emprega o procedimento linguístico denominado uso de modalizadores dos tempos verbais, no caso, emprego do futuro do pretérito (*gostaria*). O emprego deste tempo verbal supõe uma *desfocagem* do eixo temporal, pois se desvia o centro temporal dêitico *agora*, e por isso expressa a ação de forma mais suave. Nesta situação, quem atende ao telefone procura, mediante esta estratégia mitigadora, proteger tanto a imagem do ouvinte quanto a própria uma vez que, tratando-o com deferência, se mostra como alguém mais cordial.

Um aspecto a destacar com relação ao emprego deste tempo verbal, em atos de fala diretivos no Brasil, como o do diálogo, e que ele é largamente ritualizado (Blanco 2015) e talvez não seja possível considerá-lo de fato um ato cortês muito atenuador. Mesmo assim, ressaltamos que, quando empregado, (como acontece no diálogo), o falante mostra consideração ao escolher esta forma atenuada dentre outras mais “duras”, tais como “quem fala?” / “quem tá falando?” / “quem é?”.

Na sequência, do trecho, ainda na parte 1:

- A: Aqui é Andréa, colega dela da escola.
B: Um momento, *por favor*. Vou chamá-la.

Percebemos que B emprega o procedimento linguístico referente às petições e perguntas expressa direta ou indiretamente com *por favor*. O seu uso tem a função atenuadora de prevenir uma possível ameaça à imagem do outro (salvuarda do eu-tu), uma vez que atenua o pedido de esperar (o verbo performativo *espere* é elidido) com a finalidade de não invadir o território do ouvinte e, também de proteger a imagem do falante ao evitar se apresentar como alguém autoritário.

Como marca sociocultural do português falado no Brasil, apontamos que o uso de *por favor*, é uma marca atenuadora de largo emprego na realização de pedidos. Uma outra alternativa possível, de alta frequência de uso, seria: *Um momentinho, vou chamá-la*, com o uso do modificador morfológico interno: sufixo diminutivo.

Portanto, nesta parte inicial do diálogo, percebemos procedimentos linguísticos ritualizados para atenuar que, numa primeira apreciação, têm efeitos mais neutros. Mesmo assim, destacamos a intenção de preservar a imagem tanto do ouvinte como do falante em ambas as intervenções.

Já na parte 2 do diálogo, no seguinte trecho:

A: Tudo. Você está ocupada nesta sexta à noite?

C: Nesta sexta? *Acho que* não. Por quê?

Aqui C faz uso do procedimento linguístico com o emprego de verbos, construções verbais que expressam opiniões em forma de dúvida ou de probabilidade, na qual o falante preserva a sua imagem ao usar o predicado doxástico *acho que* (Haverkate 1994: 123 *et passim.*); o falante finge insegurança em relação a situação factual, no caso específico, evitando comprometer-se com o afirmado.

Existe uma suposta insegurança do falante em emitir a afirmação sobre o convite e ao fazer uso do elemento atenuador *acho que* a força ilocutiva é menor e menos rude. Ao usá-la o falante reduz o compromisso com o fato apresentado e tenta zelar por si, minimizando seu compromisso com o fato apresentado.

Este trecho é um bom exemplo de incompreensão de enunciado para um aprendente estrangeiro, uma vez que a pergunta tem um aspecto diretivo e a resposta deveria ser, em muitas línguas, de forma afirmativa ou negativa. Logo, o aprendente, nesta situação, vê-se afrontado a entender um possível jogo de interesse entre os falantes, que muitas vezes o faz pensar que a resposta dada é agressiva quando na verdade é atenuada.

Neste exemplo, o não uso da negativa direta, também demonstra um traço sociocultural característico do português brasileiro que é a proteção da imagem do falante evitando se apresentar como alguém muito categórico. Albelda e Briz (2010) afirmam que a percepção destas ameaças à imagem, é percebida de formas distintas entre as diversas comunidades sociais, fazendo a distinção entre culturas de aproximação e de distanciamento.

No trecho a seguir:

A: Ganhei duas entradas para o teatro. *Não quer ir comigo?*

Como podemos ver, A faz uso do procedimento linguístico referente às petições, mandatos e ordens de forma indireta com o uso da formulação negativa, *não quer ir comigo?* Tal uso tem como função atenuadora a prevenção a uma possível ameaça à imagem (sal-

vaguada do eu-tu), evitando uma possível rejeição ou prevenindo um conflito. A posição discursiva, ato ou intervenção completa, reforça a ideia da prevenção da imagem.

E, na sequência:

C: Que ótimo! Fica *bem pertinho* da minha casa!
 Você não quer dar uma *passadinha* aqui antes de irmos?

Quanto ao procedimento linguístico, verificamos na fala de C, que realiza o ato diretivo em benefício do ouvinte mediante o uso de petições, perguntas, mandatos expressos de forma indireta com uma formulação negativa. Expressa o ato de fala (convite) indiretamente com o intuito de proteger a sua imagem, apresentando-se como alguém menos incisivo, e do ouvinte porque se vê livre de imposições.

Esta estratégia se intensifica com o uso dos diminutivos, *pertinho/passadinha* que tem o efeito de minimizar a distância e, portanto, o esforço do ouvinte em realizar o ato solicitado. O emprego dos diminutivos evidencia por parte de C uma atividade estratégica para evitar a rejeição do convite e, ao mesmo tempo, a busca de uma aproximação social.

O uso do advérbio *bem* intensifica a intenção do falante de minimizar o custo do solicitado, o que também contribui com o reforço da prevenção da imagem.

Vemos, neste exemplo, um dos recursos atenuadores mais utilizados na língua portuguesa, o uso do diminutivo como procedimento linguístico atenuador, apontando um certo grau de intimidade que se propõe entre os participantes da interação.

Quanto aos outros aspectos pragmáticos destacamos que, embora o foco de nosso trabalho seja atenuação pragmática, não podemos deixar de destacar que no diálogo há também a presença de atos descorteses, como no trecho abaixo:

C: *Você nunca veio me visitar!* (ataque à imagem)
 A: *Também, você nunca me convidou antes!* (contra-ataque à imagem, reforçado por *Também*)

Os atos descorteses, necessariamente, não devem ser entendidos como mal-educados ou hostis e sim, entre determinados interactantes e em determinados contextos, como ações que revelam a proximidade entre os falantes. Como vimos, é o que Zimmermann (2009:249) denomina *anticortesia*. Nas intervenções do diálogo há um jogo de ataque recíproco às imagens que se inicia com a recriminação de “C: *Você nunca veio me visitar*”. “A” aceita e devolve a provocação com outra afronta: *Você nunca me convidou*, acusando a colega de ser alguém não muito sociável. Neste jogo as destinatárias não parecem, em nenhum momento, se sentirem atacadas ou ofendidas.

Vemos que os diálogos, ao fazerem uso significativo da atenuação e de outros aspectos pragmáticos na representação do nosso falar, buscam refletir a aproximação com a fala real nas interações. Entretanto, estes elementos precisam ser evidenciados para que a construção da imagem que os enunciados revelam possa ser entendida pelos aprendentes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que no diálogo em questão há trechos que são mais facilmente compreendidos pelos aprendentes; entretanto, como vimos, há outros que requerem por parte do

professor um conhecimento linguístico e sociocultural mais detalhado sobre estas relações que são evidenciadas, especialmente, pelos fenômenos pragmáticos.

Nota-se que a atenuação pragmática deve ser vista como um elemento dinâmico que aliado a outras teorias criam possibilidades de entender o discurso dentro do seu uso individual e social. O importante, segundo Marcuschi (2006:18) é “a habilidade desenvolvida pelos falantes no uso das estratégias conversacionais com o objetivo de se entenderem e atingirem metas comuns em situações de fala”.

Ou, ainda, segundo Blanco (2015: 35):

o âmbito de atuação e os efeitos da intensificação e da atenuação se produzem no discurso, ora na mensagem linguística, ora em algum dos outros elementos do discurso (os participantes, a situação, o tema)[...] neste sentido, segundo Albelda Marco, reconhece-se na cortesia uma determinada atitude social, **um modo intencional de comportar-se** que manifesta como desejamos ser visto se como somos vistos, de fato, pelos outros.

Deste modo, principalmente, em aprendentes que tenham grandes conhecimentos em gramática, qualquer erro pragmático, entre eles, o erro de atenuação pragmática, não será percebido pelos ouvintes como uma *falência* na aprendizagem da língua meta e sim como um ato ilocutivo diferente ou com força diferente, àquele que o falante pensava em realizar.

Estas *falências* foram muitas vezes observadas durante o meu fazer pedagógico e trouxe à tona o questionamento de como poder retratá-los nos materiais de forma mais elucidativa. E, ao me deparar com os estudos sobre Pragmática, em específico os de atenuação, pude constatar que a explicação de muitos fenômenos do uso da nossa comunicação é compreendida à luz desses conceitos e podem dar uma nova perspectiva na elaboração de materiais didáticos para estrangeiros. Cabe ao professor mostrar estas nuances que raramente são especificadas nos materiais didáticos. Ao aprendente, cabe ter abertura para a compreensão da nova realidade que o circunda, seja para o desenvolvimento dele/dela em seu trabalho, ou nas relações cotidianas do contato com a comunidade falante escolhida para viver.

Da mesma forma conclui-se que, no fazer pedagógico, o material didático não pode deixar de abordar estes aspectos e, assim, apontamos a necessidade de fornecer estas ferramentas para o ensino de língua estrangeira.

É necessário, ficar claro que a cortesia estratégica, no caso, atenuadora, revela uma imagem social que também precisa ser compreendida e decodificada pelo aprendente. Se esta captação da imagem de aproximação ou afastamento não for devidamente tratada nos manuais, teremos o risco de repetir estereótipos culturais sobre o comportamento dos falantes de língua portuguesa, específico do Brasil.

Referências bibliográficas

- Albelda, M. y A. Briz (2013). “Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN)”, *Onomázein*, 28, pp. 288-319.
- Albelda, M., Briz, A., Cestero, A., Kotwica, D. y C. Villalba (2014). “Ficha metodológica para el análisis pragmático de la atenuación en corpus discursivos del español. ES.POR.ATENUACIÓN”, *Oralia*, 17, pp. 7-62.

- Blanco, R.C.H. (2015). *Atenuação pragmática e problemas de intercompreensão: um estudo intercultural entre paulistanos e cordobeses*. Dissertação (Mestrado em Letras). USP: São Paulo.
- Bravo, D. (2004). “Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía”. Em Bravo, D. y A. Briz. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 15-38.
- Briz, A. (2003). “La estrategia atenuadora en la conversación cotidiana española”. Em *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE*. Estocolmo: Universidad de Estocolmo, pp. 17-46.
- Briz, A. (2006). “Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE”: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/munich_2005-2006/02_briz.pdf (10-03-2017). Em *Actas del programa de formación para profesorado de ELE*. Munich: Instituto Cervantes, pp. 227-255.
- Briz, A. (2013). “Atenuadores: estratégias e táticas”. Em Blanco, R.C.H. *Atenuação pragmática e problemas de intercompreensão: um estudo intercultural entre paulistanos e cordobeses*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). USP: São Paulo: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article> (10-03-2017).
- Briz, A. (2014). “La atenuación lingüística. Esbozo de una propuesta teórico-metodológica para su análisis”. Em Seara, I. R. *Cortesía: olhares e (re) invenções*. Editora: Chiado, Lisboa, pp. 83-172.
- Fraser, B. (2010). “Pragmatic Competence: The case of hedging”. Em Kaltenböck, G., Mihatsch, W., e S. Schneider, S. *New Approaches to Hedging*. Emerald Group Publishing Limited: <http://www.bu.edu/sed/files/2010/10/2010-Pragmatic-Competence-The-Case-of-Hedging.pdf> (10-12-2016).
- Haverkate, H. (1994). *La cortesía verbal*. Madrid: Gredos.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2014). “Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses”. Em Seara, I. R. *Cortesía: olhares e (re) invenções*. Editora: Chiado, Lisboa, pp. 47-82.
- Marcuschi, L. A. (2006). “Atividades de compreensão na interação verbal”. Em Pretti, D. (org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, pp. 15-45.
- Ponce, M., Burim, S. e S. Florissi (2007). *Bem-vindo! A língua portuguesa mundo da comunicação*. 7ª. ed. São Paulo: SBS.
- Silva, A. L. (2015). “Análise da conversação em textos orais e escritos”: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/109138/108682> (15-12-2015). Em *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17 (1), pp. 131-155.
- Zimmermann, K. (2005). “Construcción de la identidad y anticortesía verbal. Estudio de conversaciones entre jóvenes masculinos”. Em Bravo, D. (ed.). *Estudios de la (des)cortesía en español. Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos*. Buenos Aires: Dunken, pp. 245-271.

